

A VISÃO DISCENTE SOBRE A AUSÊNCIA DE HOMENS NA
GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA.

THE STUDENT'S VIEW ON THE ABSENCE OF MEN IN SOCIAL WORK
GRADUATION AND ITS RELATIONSHIP WITH HEGEMONIC
MASCULINITY.

Joana Izabel Teixeira das Chagas
Graduanda em Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – UFAM .
Joanaizabel1316@gmail.com

Rafael Alexandre Penha Silva
Graduando em Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – UFAM .
rafalexpenha@gmail.com

Marina Valéria Delage Vicente Mancini
Professora de Serviço Social na Universidade Federal do Amazonas – UFAM .
marinamancine@ufam.com

Simpósio Temático nº 01 – “Meninos Veste Azul”: A Permanência da importância dos estudos da (s) Masculinidade (s) para as ciências sociais.

RESUMO

A pesquisa assumiu o propósito de analisar a visão de discentes do sexo masculino sobre a ausência de homens na graduação em serviço social e como essa carência se concatena com a masculinidade hegemônica. Para a concretização da pesquisa utilizamos a pesquisa de campo por meio da pesquisa qualitativa com aplicação de entrevista semiestruturada. Também realizamos pesquisa quantitativa para evidenciar a porcentagem de homens e mulheres no curso. Os sujeitos do estudo foram três discentes do sexo masculino do sétimo, quinto e terceiro períodos. Os resultados apontam que no curso de serviço social da Universidade Federal do Amazonas- Ufam campus Parintins é composto por 88 % de mulheres e 12 % por homens. De modo geral os sujeitos entendem que a masculinidade hegemônica é imposta a todos os homens no processo de socialização e é produto da construção social. No que concerne ao serviço social os mesmos destacaram que o curso/profissão é destinado a ambos os sexos, ademais já ao adentrarem no curso perceberam essa discrepância, contudo não fizeram uma reflexão crítica do por que desse número reduzido de homens, a ausência de indivíduos do sexo masculino deve-se a difusão da visão do cuidado, ajuda, caridade que o curso/profissão possui e esses aspectos estão atrelados à figura feminina.

Palavras-chave: Serviço Social, Masculinidade, Homens, Mulheres.

ABSTRAT

The research aimed to analyze the view of male students about the absence of men in Social Work graduation and how this shortage is connected with hegemonic masculinity. To carry out the research, we used field research through qualitative research with application of semi-structured interviews. We also carry out quantitative research to show the percentage of men and women in the course. The study subjects were three male students from the seventh, fifth and third semesters of the course. The results show that in Social Work course at the Federal University of Amazonas-Ufam campus Parintins 88% of the students are women and 12% are men. In general, the subjects understand that hegemonic masculinity is imposed on all men in the socialization process and it is a product of social construction. About Social Work course, they highlighted that the course/profession is aimed at both genders; in addition, already when entering the course they noticed this discrepancy. However they did not make a critical reflection on why this small number of men, the absence of individuals from the male gender is due to the dissemination of the vision of care, help, charity that the course/profession has and these aspects are linked to the female figure.

Keywords: Social Work, Masculinity, Men, Women.

INTRODUÇÃO

A generificação das profissões tem relação direta com a divisão social e técnica do trabalho. Ao passo que de forma mais ampla está arraigada no patriarcado que é uma das molas propulsoras do capitalismo. O trabalho reprodutivo, no qual o serviço social se insere, é executado em sua maioria por mulheres. A justificativa para tal fenômeno incorre de relações de gênero historicamente determinadas.

É no cerne da divisão social e técnica do trabalho que se instaura a problemática de trabalho reprodutivo serem desenvolvidos, em sua maioria, por mulheres. Deriva daí nossa problematização, uma vez que esse estigma de “cuidam dos outros” são funções destinadas aos corpos femininos. Nesta direção, podemos perceber que as atividades laborais que envolvem a reprodução social não podem ser exercidas por homens, pois culturalmente são “trabalhos de mulher”, isso ocorre devido à masculinidade hegemônica que institui nos homens uma postura de provedor, viril, o que detém o poder, e não deve se preocupar em cuidar, ser mais atencioso, ter empatia com indivíduos em geral.

No que tange ao conceito de masculinidades, apreende-se que são múltiplas e dentro dessa concepção existe a masculinidade hegemônica que acaba subordinado as demais, além de ser prejudicial para homens e mulheres. Diz respeito ao papel de gênero que cada indivíduo deve desempenhar, sendo suas principais características são a subordinação feminina a dominação, a força, competição, controle, segurança e determinação (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019).

Por ser uma profissão que intervém nos (as) grupos, famílias e indivíduos o serviço social deve formar profissionais que na prática atuem com princípios norteados pela solidariedade, empatia e justiça social. Na viabilização de direitos é preciso ter sensibilidade, uma vez que as demandas sociais são permeadas por violações de direitos, nesse sentido um ser humano que se solidariza com a população em vulnerabilidade social é o dever de todos, independente de gênero.

A partir disso, foi observado na graduação em serviço social da Ufam-Parintins a diferença de discentes homens e mulheres. Assim, essa pesquisa objetiva refletir sobre essa realidade que é comum em muitas profissões. Desse modo buscamos analisar a visão de discentes do sexo masculino sobre a ausência de homens na graduação em serviço social.

No que concerne a metodologia, utilizamos uma pesquisa de campo com os discentes que aceitaram participar, os sujeitos da pesquisa foram três acadêmicos do terceiro, quinto e sétimo períodos do curso de serviço social na Ufam Campus Parintins localizado no interior do Amazonas. Outrossim fizemos uso das pesquisas qualitativa, uma vez que queríamos respostas aprofundadas sobre as suas percepções, bem como quantitativamente, cuja se estabeleceu por meio da análise dos dados referentes a situação de matrícula dos discentes, para evidenciar o número de acadêmicos homens e mulheres no curso de serviço social da referida universidade. Como coleta de informações aplicamos entrevista semiestruturada mediada pela plataforma telegram, como forma de manter a biossegurança dos sujeitos envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

Breves considerações sobre Masculinidades

No que se refere à masculinidade, Gomes (2008) elucida que relaciona-se a modelos culturais de gênero que estruturam pensamentos, afetos e condutas voltados para a identidade de ser homem. Quanto mais os homens se aproximam desses modelos aceitos culturalmente, maior será a possibilidade de terem a sua masculinidade atestada.

A masculinidade pode ser como um aglomerado de ideias e atos que em uma sociedade determinada é definido, e também são próprias para aplicar ao ser humano que nasce com um pênis, e assim são atribuídas todas as pautas na economia, na política e na sociedade em geral (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019).

Nesta direção, nota-se que a masculinidade se perfaz no âmbito cultural e por isso é aceita e reproduzida socialmente. Logo sua essência se localiza nos processos de socialização dos indivíduos. Cabe destacar que devido serem múltiplas, os sujeitos, de modo geral, podem apresentar mais de uma faceta das masculinidades, tendo em vista que as particularidades culturais de cada região proporcionam aos homens e mulheres visões distintas do que seja homem e mulher. Todavia, em todos os modelos de sociedade são difundidos os ideais da masculinidade hegemônica, pois é um fenômeno que está no cerne da estrutura capitalista.

De Los Santos Rodriguez (2019) assina-la que no processo de socialização somos submetidos a uma masculinidade construída sobre forte influência da sociedade capitalista ocidental, ou seja, nos ditames da burguesia os homens desenvolvem os traços da masculinidade hegemônica como forma de perpetuação do capitalismo, seja no desenvolvimento das forças produtivas ou de desigualdades de gênero.

No mercado de trabalho, esse aspecto que permeia o ser masculino, se desdobra nas desigualdades expressadas nos mais diversos problemas, como os casos de assédio serem mais recorrentes em mulheres, a baixa remuneração e não equidade salarial, nos poucos cargos de chefia ocupados por mulheres e claramente na divisão sexual do trabalho. Sendo assim, a masculinidade hegemônica se espalha no cotidiano e se efetiva socialmente por meio da cultura na socialização dos meninos e meninas.

Os Homens no serviço social: alguns apontamentos

No Brasil o Conselho Federal de Serviço Social – CFESS em uma pesquisa no âmbito da profissão datada de 2016-2019¹ evidenciou que mais de 90% dos profissionais são mulheres, a partir disso percebe-se as discrepâncias que perpassam o mundo do trabalho. É certo que tal diferença tem relação com o a gênese da profissão tanto mundialmente quanto nacionalmente, pois no início as mulheres burguesas, por meio das ações caritativas da igreja, exerciam essa prática.

Podemos elencar que os profissionais de Serviço Social desde os anos 90 passaram a adquirir outras atribuições além de meros executores das políticas públicas. São profissionais que também pesquisam sendo bastante respeitados por isso. Adquiriram amadurecimento nas suas formas de representação político-corporativas, por meio de filiações em órgãos de representação acadêmica e profissionais. O Serviço Social começou a discutir sua identidade

¹ <http://www.cfess.org.br/>

enquanto profissão graças aos debates em torno das políticas públicas, sobretudo da assistência social inserida no campo dos direitos sociais (IAMAMOTTO, 2004).

Cabe destacar sobre as atribuições e competências desempenhadas por assistentes sociais. De acordo com a Lei nº 8.662 que regulamenta a profissão preconiza como competências a elaboração, implementação, execução e avaliação de políticas sociais junto a órgãos da administração pública, direta ou indireta, empresas, entidades e organizações populares. Elaborar, coordenar, executar planos, programas e projetos que sejam do âmbito de atuação do serviço social com participação da sociedade civil, entre outras (BRASIL, 2012). Assim, é possível evidenciar que as atividades desenvolvidas por assistentes sociais não sugerem que só um gênero possa exercê-la, pois esta atuação não está relacionada aos papéis de gênero designadas pela sociedade, mas sim com um projeto profissional que os profissionais assumem.

A sociedade, na visão de Viezzer (1994, p 108), costuma organizar-se para “aceitar a execução dos papéis sociais atribuídos de acordo com as diferenças biológicas que marcam os indivíduos ao nascer, e não com as diferenças psicológicas e culturais”. Assim devido ao corpo feminino ser pré-disposto a gravidez e amamentação dos filhos, a sociedade distribuiu a essa mulher a tarefa quase que exclusiva de reprodução dos seus filhos no âmbito privado.

“No trabalho, o comando masculino vai ao ponto de estender-se àqueles setores onde a mão de obra é acentuada ou exclusivamente feminina. A subordinação da mulher manifesta-se também nos salários inferiores aos dos homens, na limitação à profissões ditas ‘femininas’- que em geral, são uma extensão das tarefas do lar (cuidado de crianças, de doentes, de velhos, em serviços de educação, saúde ou assistência social)” (VIEZZER 1994 p. 116).

Neste sentido, é nítido como a profissão é permeada por essa visão distorcida e estigmatizada. Embora em sua gênese os agentes praticassem a caridade, atualmente pós-movimentos internos do serviço social a atuação profissional passou a ter um caráter mais político-pedagógico do que assistencialista e devido a essa nova face a profissão destina-se a homens e mulheres.

Destarte, é válido destacar o quantitativo de homens e mulheres na graduação em serviço social da Ufam Campus Parintins-AM.

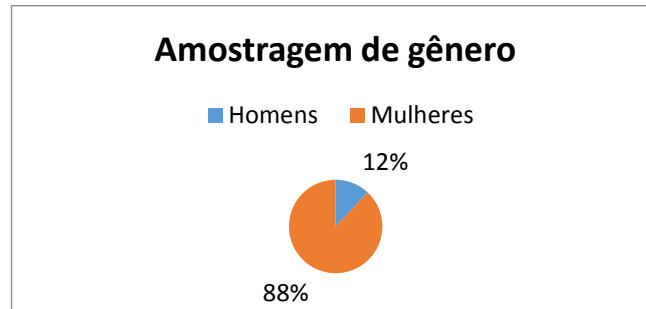


Gráfico 1

No gráfico 1 é evidente a discrepância de gênero entre os acadêmicos matriculados no curso de serviço social. Nas análises dos dados fornecidos pela coordenação do curso podemos destacar que devido o número reduzido de homens constatamos que estes são os que mais cometem evasão da universidade.

Outrossim, como forma de verificar a presença de ambos os gêneros no curso de forma ampliada, pesquisamos e elaboramos o gráfico a seguir contendo a informação referente ao gênero dos docentes.

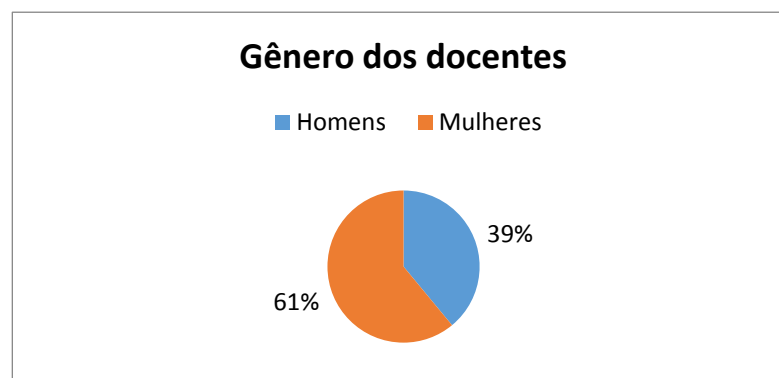


Gráfico 2

Nesta direção é perceptível que a diferença de gênero também apresenta-se na composição dos docentes. Portanto sob uma visão ampliada podemos apreender que no referido curso a presença masculina se difunde tanto no percentual de alunos quanto no de professores, isso demonstra que de fato a profissão de assistente social é vista como uma atividade laboral para mulheres.

A ausência de homens na graduação em serviço social e sua relação com a masculinidade hegemônica: os resultados da pesquisa.

Os resultados da pesquisa empírica apontam que de modo geral os sujeitos do estudo entendem que a masculinidade hegemônica é imposta a todos os homens no processo de socialização e é produto da construção social. A fim de preservar a identidade dos informantes estes serão identificados por letras e cada letra corresponde a um acadêmico de um período. Para o sujeito A (discente do sétimo período do curso de serviço social) “a masculinidade se baseia na questão cultural e se associa ao homem provedor da casa e que deve ser o responsável pelo sustento da família”. O sujeito B (discente do quinto período do curso de serviço social) elucida que a masculinidade “é imposta a partir do momento que nascemos e nos designam homens e mulheres, a partir daí nos colocam rótulos e nos dizem o que papel do homem e da mulher”. O sujeito C (discente do terceiro período do curso de serviço social) por sua vez, assevera que a masculinidade “já é jogada na nossa cara pela sociedade desde pequenos, somos cobrados, os menino nasce homem e na visão do pai e da mãe tem que ser macho” (PESUISA DE CAMPO, 2021)

As falas dos sujeitos são ricas e apresentam diferentes percepções, porém em todas as afirmações é perceptível traços do ideário da masculinidade hegemônica como, por exemplo, o homem provedor, a figura deste tipo de homem nos remete a ideia de que só quem trabalha e pode trabalhar são pessoas do sexo masculino e as mulheres ficam em casa nos afazeres domésticos. É possível perceber também que esse fenômeno social é algo construído e desenvolve desde o nascimento como observamos no relato dos sujeitos B e C.

Questionamos dos sujeitos se ao adentrar na graduação os mesmos perceberam a discrepância no número de homens e mulheres. Os relatos apontam que sim, “em um primeiro momento, quando tive contato com o curso foi estranho, pois você entra em uma sala de cinquenta alunos e ter dez homens e quarenta mulheres” (SUJEITO A). O sujeito B, afirma que sim, porém não questionou-se ou demonstrou espanto, tendo em vista que era seu primeiro contato com o ensino superior. Já o sujeito C elenca que logo que adentrou no curso teve a curiosidade de saber por que havia poucos homens no curso, e em sua trajetória o mesmo frisa que as discussões nas disciplinas percebeu que é uma herança histórica da gênese da profissão.

Outro aspecto que indagamos foi referente a percepção que os discentes têm do curso, no sentido de acreditarem que o serviço social é exclusivo para mulheres. O sujeito A destaca que em um primeiro momento pensou em desistir por achar que o serviço social era só para mulheres, contudo devido a aproximação com autores da área o mesmo concluiu que se trata uma profissão sem distinção de gênero. Um dado importante que o sujeito destacou foi seu estágio na delegacia onde na instituição observou que devido o grau de exposição a riscos

como violência e casos que demandam autoridade o mesmo acredita que um assistente social nessa função deve ser homem.

É interessante destacar como a figura masculina representa de alguma forma a autoridade, ainda que esteja presente em uma profissão cuja maioria é composta por mulheres como o Serviço Social, o que demonstra que gênero enquanto relação de poder perpassa em todas as esferas da sociedade. Não só os homens recebem da sociedade a autorização para exercerem seu poder como as próprias mulheres, em virtude da subordinação, incumbe a eles o direito de usar a força para resolver situações de conflito com outros homens (ALMEIDA, 1996).

Os sujeitos B e C em suas respostas citaram questão referente as demandas postas ao assistente social como, por exemplo, a violência sexual contra crianças e mulheres. Nesses casos ambos destacaram as vítimas dessas violações preferem o atendimento com profissionais femininos, pois na visão das vítimas essas profissionais serão mais sensíveis na resolução de suas demandas.

Destarte, questionamos sobre o contato dos discentes com as discussões sobre gênero, todos os sujeitos elencaram que ainda não participaram de debates, todavia as aproximações sobre as discussões de gênero foram desencadeadas pelo contato com o feminismo ocasionado por eventos como semanas acadêmicas, seminários e congressos que ocorreram no âmbito universitário.

O movimento feminista com seu encargo político desde sua gênese tem combatido as aspirações do patriarcado, Saffioti (1987) destaca que, “patriarcado é um sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, mas que não constitui o único princípio estruturador de uma sociedade” (p.16). E como a masculinidade hegemônica representa um traço do patriarcado, logo o feminismo também combate tal masculinidade.

O CFESS em sua trajetória sempre reafirma o compromisso na defesa dos direitos calcados na desigualdade de gênero, bem como na discriminação por identidade de gênero e orientação sexual. Nas diretrizes curriculares há a sugestão de criação de uma disciplina exclusiva para os debates de gênero e relações étnico-raciais. Na pesquisa buscamos analisar o currículo do curso de serviço social da universidade supracitada e identificamos que existe uma disciplina denominada gênero e família, contudo a mesma é eletiva. Dito isso, percebe-se a relevância e importância dessa disciplina na grade curricular, uma vez que propicia a reflexão crítica dos acadêmicos sobre a categoria gênero e como essa se estabelece nas relações sociais capitalistas.

Por fim como forma de aprender a relação da ausência de homens no serviço social com a masculinidade hegemônica questionamos dos sujeitos se eles percebem a articulação da carência de homens com esse modelo de masculinidade. Os sujeitos afirmam que sim, pois a visão que foi difundida do serviço social no âmbito da sociedade remete a ser uma profissão destinada a mulher. O Serviço Social constrói sua trajetória num campo majoritariamente feminino e insere-se na lógica da divisão sexual do trabalho, que além de ser desvalorizada economicamente, é uma profissão que carrega a marca histórica de reprodução dos papéis associados ao “feminino” – vocação, docilidade, sensibilidade (CISNE, 2015).

Outrossim, os relatos associaram essa visão ao fato de a sociedade ser machista e generificar as profissões. Em contra partida a desconstrução dessa visão deve partir dos profissionais, sobretudo, dos homens, sendo que estes tem o compromisso de evidenciar para a sociedade que o serviço social é para homens também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que a masculinidade é multifacetada, dentro das inúmeras faces se concebe a masculinidade hegemônica, onde se entende que está se situa nas relações sociais da sociedade capitalista e inclusive participa de sua perpetuação. Suas principais características se mostram na subordinação da mulher ao homem o que determina os papéis de gênero partidos por ambos. Foi possível evidenciar que essa masculinidade também é nociva aos próprios homens, uma vez que não podem apresentar aspectos associados a figura feminina como o “cuidado”.

Dentro dessa lógica evidenciamos como esse modelo de masculinidade influencia na divisão social do trabalho, colocando homens em determinadas profissões e mulheres em outras, essa cisão provoca desigualdades econômicas e sociais, pois as profissões cujas profissionais são majoritariamente mulheres possuem menor remuneração e prestígio. Nesse contexto se encaixa o serviço social onde mais de 90% dos assistentes sociais são femininos e apresenta baixa remuneração e pouco prestígio, visto que ainda é vista como assistencialista.

No que tange ao curso de serviço social da Ufam Campus Parintins-AM a pesquisa apontou a discrepância de homens e mulheres é notória entre os discentes e docentes do curso, e de modo geral os sujeitos mostraram ter conhecimento de aspectos que circundam a masculinidade hegemônica e que a presença de profissionais homens na profissão esta relacionada com tal masculinidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder:** revendo um caso do Sul de Portugal. Anuário antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social.** 2.ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2015.

DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, Shay. UM BREVE ENSAIO SOBRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA. Revista Diversidade e Educação, v. 7, n. 2, p. 276-29, Jul./Dez. 2019.

GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

IAMAMOTO, Marilda. V. **O Serviço Social na contemporaneidade-trabalho e formação profissional.** 7ª Ed. São Paulo. Cortez. 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

VIEZZER. Moema. **O problema não está na mulher.** São Paulo. Cortez, 1987.